

# Miriam Lemle – A voz feminina no Gerativismo do Brasil

Isabella Lopes Pederneira

Miriam Lemle nasceu Miriam Milla. Foi, orgulhosamente, filha de pai romano que sabia latim como ninguém, segundo ela, e mãe napolitana, judia convertida, que adorava praia e adaptou-se, portanto, facilmente ao Rio de Janeiro. Seu pai foi advogado em Roma, mas proibido de exercer sua profissão e, tendo perdido seu diploma por ser judeu, teve que inventar outro modo de viver, quando chegou ao Brasil, e tornou-se vendedor de seguros. Neste contexto, Miriam veio com seus pais, com pouco menos de dois anos de idade, em um navio que partira da Europa para o Brasil, já que a Itália era um dos lugares hostis para judeus viverem no período da Segunda Guerra Mundial. Quando chegou ao Brasil, ganhou uma irmã, Paula, por quem cultivou carinho, saudade e preocupação, já que sua irmã foi, por volta dos vinte anos de idade, para os EUA e lá vive até hoje. Miriam referia-se à sua família com carinho e segurança. Essa família italiana que virou brasileira e não quis mais voltar à Itália, mesmo depois que já era possível esse retorno. Miriam tornou-se uma brasileira naturalizada bilíngue, já que este foi dos poucos resquícios que os pais fizeram questão de perpetuar da Itália – a língua.



Figura 1: A pequena Miriam Milla ao chegar ao Brasil  
Fonte: Arquivo Familiar

A família foi uma construção forte para a Miriam, tanto que, mesmo que ela tivesse objetivos bem estabelecidos para sua carreira profissional, teve que estabelecer limites que a permitissem construir sua própria família. Casou-se com um descendente de judeus alemães, de onde vem o Lemle em seu nome. Se havia uma coisa que ela não gostava tanto de sua família era a sonoridade de Miriam Milla, nome de sua família italiana. Por isso a conhecemos como Miriam Lemle. Com Alfred, ou Alfredo, como ela o chamava, médico e professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, teve dois filhos dos quais teve muito orgulho: o Bruno e a Marina. Cada um de seus filhos teve dois filhos também. O Bruno, dois meninos, e a Marina, duas meninas. Uma família inteiramente binária, como nas árvores sintáticas gerativistas que estavam sempre com ela, mesmo num nécessaire misturado a pertences como batons, base e chaves.



Figura 2: Miriam Lemle – mãe  
Fonte: Arquivo Familiar

Vale ressaltar a importância ambígua de sua avó paterna, com quem mais treinou seu francês, já que esta avó, que era professora de francês em Roma, também teve que deixar sua vida para trás, porque era judia. Seu interesse por aprender idiomas diferentes

com tão pouca idade era incomum, mas já indicava uma de suas características: a curiosidade por conhecer coisas novas. Além de português brasileiro, italiano e francês que ela aprendeu em casa ou nos ambientes comuns com os brasileiros, entrou em curso de inglês ainda bem novinha. Depois, ainda aprendeu um pouquinho de espanhol, hebraico e alemão, este último idioma, com sua sogra. Ela lembrava de um fato curioso – uma conversa de seus pais com a professora do colégio, em que eles avisavam à professora que ela teria dificuldades com a língua portuguesa no início, porque ela não tinha muito experiência com a língua. E lembrava, com muito entusiasmo, que, no decorrer do dia em que ouvia a fala de seus novos amigos com a professora e pensou: “estou entendendo tudo”. Tudo era uma maneira para justificar preceitos gerativistas.

Poucos sabem, mas, após sua formatura em Letras Neolatinas na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Miriam foi professora da Educação Básica. Nesta fase, que durou aproximadamente dois anos, percebeu que não seria satisfatória sua atuação nesta etapa de ensino e sentiu necessidade de voltar a estudar, quando soube identificar os seus desejos e demandas, que, obviamente, estavam na Linguística. Ela dizia que sentia como se mentisse para os alunos, quando ela tinha que dizer aquilo que os livros didáticos indicavam. Foi neste momento que procurou o Professor Mattoso Camara Jr no Museu Nacional. Ela contava esta fase de vida compartilhada com a Professora Ione Leite com muito carinho e como tendo tido centralidade em sua formação. Foi lá, em uma sala do Museu, através de um estagiário que retornava para os Estados Unidos, que encontrou as pistas para seu caminho, quando viu pela primeira vez “*Syntactic Structure*”, “um livrinho azul, fininho, mas que eu percebi que era algo grandioso”. Ela lembrava claramente do som que o livro fez, quando o estagiário o jogou displicentemente sobre a mesa dela. Optou pela pesquisa, pela pesquisa em Gramática Gerativa, optou por acompanhar as mudanças que ocorreram, fase

a fase no gerativismo. Optou também por ser mãe sem deixar de ser mulher acadêmica em uma estrutura social patriarcal. Somente deixou de seguir seu primeiro desejo – ser química, porque, segundo pessoas próximas à família, não era carreira de mulher, pois era perigoso. Ela ficava feliz em ver aquelas estruturas que a atraíram para a química nas árvores sintáticas de palavras, sintagmas e sentenças gerativistas.

A professora e pesquisadora Miriam Lemle iniciou seus estudos em uma escola pública no Rio de Janeiro, mas sua família foi alertada de que, ao contrário da Europa, as escolas públicas no Brasil não eram satisfatórias, infelizmente, então ela foi transferida para um colégio bilíngue português-francês. Graduou-se em Letras Neolatinas na Universidade Federal do Rio de Janeiro no fim dos anos 1950 e, em 1962, começou sua trajetória na Linguística como estagiária no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ainda nos anos 1960, tornou-se Mestre em Linguística pela Universidade da Pensilvânia (EUA), e doutora, também em Linguística, pela UFRJ. A demora na titulação refletia o consenso da época de que o Doutorado não era a condição indispensável para o início de uma carreira acadêmica, mas uma forma de reconhecimento da maturidade acadêmica. Outro motivo era a conciliação entre carreira e família. Ela havia colocado uma idade máxima para sua filha Marina, que era de 10 anos, para que ela pedisse regime de Dedicção Exclusiva à Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Figura 3: Miriam na escola  
Fonte: Arquivo Familiar

Miriam Lemle participou da criação da primeira Pós-Graduação em Linguística do país, inicialmente localizada no Museu Nacional e, posteriormente, transferida para a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com mestrado e doutorado em Teoria Linguística, em 1970. Em 1982, Miriam

transferiu-se formalmente do Setor de Linguística do Departamento de Antropologia do Museu Nacional para o Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras, tendo em vista maior coerência com seus interesses nos estudos linguísticos.

Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ nos anos de 1983 e 1984, e manteve-se como vice-coordenadora até 1986. Em 1985, pleiteou e conseguiu uma bolsa do Programa Fulbright, para que pudesse cursar seu pós-doutorado no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (EUA). Nessa época, já reconhecida no país como uma figura catalisadora da pesquisa em Gramática Gerativa, Miriam Lemle estreitaria seu contato com o Professor Noam Chomsky, idealizador dessa teoria.

Entre os anos de 1987 e 1989, foi Presidente da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e, em 1994, tornou-se Professora Titular e, conseqüentemente, membro nato da Congregação da Faculdade de Letras.

Ministrou cursos de sintaxe na graduação e pós-graduação, bem como muitos outros cursos de extensão na Faculdade de Letras e no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. Na década de 1990, quando começava a atingir o auge de sua carreira acadêmica, organizou muitos encontros com professores renomados internacionalmente, como, por exemplo, Yosef Grodzinsky, Stephen R. Anderson, Juan Uriagereka, Massimo Piatelli-Palmarini, Michel Degraff e Noam Chomsky. Seu interesse pela Gramática Gerativa acabou a levando a explorar a Neurociência, no final da década 1990, abrindo um caminho profícuo nessa interdisciplinaridade, incentivada pela professora e pesquisadora Aniela Improta França. Em 2007, o Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ solicitou a concessão do título de Professor Emérito para a professora e pesquisadora, que se aposentou no mesmo ano, quando completou 70 anos e, naquela época, eram acompanhados da aposentadoria compulsória. A cerimônia de emergência ocorreu em meados de

2010.

Participou do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ na linha de pesquisa “Gramática na Teoria Gerativa”. Coordenou o Laboratório Clipsen (Computações Linguísticas: Psicolinguística e Neurofisiologia), que congregou uma equipe interdisciplinar de professores e alunos dos programas de pós-graduação em Linguística e em Engenharia Biomédica (LAPIS/COPPE) da UFRJ, bem como alunos de todos os níveis de formação. Com esse projeto, ganhou em 2004 e em 2006 o prêmio Cientista do Nosso Estado, da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), bem como o Edital Universal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de 2003 e de 2005, tendo sido pesquisadora 1A desta agência de fomento. Com o término de suas contribuições para a Neurociência da Linguagem, Miriam retornou às suas abordagens com vieses mais teóricos, com ênfase na interface sintaxe-semântica, tendo coordenado o Laboratório de Interface Sintaxe-Semântica (LIFSS), que passou a ser coordenado pela vice-líder do projeto, a professora Isabella Pederneira. Miriam percorreu sua carreira abrindo novos caminhos para a pesquisa em linguística no Brasil. Ser sua parceira de trabalho em pesquisa foi uma tarefa honrosa e desafiadora.

Miriam Lemle publicou dezenas de artigos, orientou grandes pesquisadores e pesquisadoras espalhados pelo Brasil e publicou duas obras que ainda são importantes referências no campo da Linguística e também no da Educação: *Análise Sintática: teoria geral e descrição do Português*; e *Guia teórico do alfabetizador*.



Figura 4: Miriam em sua última viagem a Itália  
Fonte própria

Considerando tamanha contribuição da professora e pesquisadora Miriam na área de linguística, é importante, mas também um desafio delimitar seus valores, mesmo porque é sempre muito difícil essa tarefa, quando estamos diante de uma pessoa tão complexa. Em geral, há quase sempre uma ambiguidade premente. Miriam não se destacava por grandes experiências de vida, sendo muito evidente um grau de ingenuidade e, até certo ponto, de pureza em seu pensamento. O que, obviamente, não condiz com suas práticas profissionais na Linguística e muitos que a conheceram neste âmbito podem até duvidar desta característica de sua personalidade.

Dito isto, pelo menos três valores destacam-se, de acordo com minhas experiências com ela. O primeiro deles é a verdade. Miriam

e eu passamos dezesseis anos trabalhando em parceria, tendo sido os últimos quatorze anos, que coincidem com os seus quatorze últimos anos de vida, caracterizados por uma grande assiduidade e amizade. Decorrente desta amizade, aprendi a encontrar algumas de minhas verdades, entender meus momentos, sem afobação. Uma das verdades que ela mais prezava era a da existência da Gramática, aquela Universal do Gerativismo. Essa relação que ela tinha com a Linguagem era o que mais a aproximava das verdades divinas. Era judia, chegou ao Brasil em consequência do Nazismo, e afirmava categoricamente que a existência de um Deus abstrato era confirmada pela realidade estrutural da linguagem. Sua paixão pelos saberes de Linguística Gerativa originava valores ambíguos em relação à sua experiência ingênua na vida mundana, tais como a coragem e prazer por desafios. Identificamos essas características ao olharmos seu percurso acadêmico, de uma mulher que abriu caminhos de pesquisa inovadores, foi livre no pensamento e buscou corajosamente por sua formação e espaço. Sempre muito comedida e discreta em suas colocações, mas nunca deixando a firmeza de lado, quando necessário. As emoções só eram mal digeridas em situações muito específicas.

Miriam Lemle e Linguística Gerativa praticamente se confundem no Brasil. No entanto, aventurou-se na Linguística Experimental, embora seu grande empenho tenha sido em teoria da Gramática Gerativa, com ênfase na Interface entre sintaxe e semântica e um “desvio” à morfologia, quando esta disciplina passou a integrar a sintaxe. Foi em uma conversa com Chomsky, na praia da Barra da Tijuca, enquanto a ex-esposa de Chomsky tomava banho de mar, que ouviu falar em Alec Marantz e logo correu para estudar e saber mais sobre Morfologia Distribuída. E agora temos este modelo sendo estudado por todo o Brasil. De vez em quando chegava alguma coisa no meu e-mail com o “assunto”: “para a gente estudar no seminário”. Foi assim que surgiu a Exoesqueletal

na minha Tese, foi assim que fui parar em Londres para estudar com a Hagit Borer, foi assim que a Hagit veio parar na ABRALIN para fornecer um curso e, logo em seguida, na UFRJ. Tinha um faro indescritível e um desejo pelo saber genuíno. Sua vida e a Linguística se confundiam. O único momento em que ela preferia estar desligada daquilo que mais importava era a hora da novela das 21 horas. Mas também, dependendo do motivo e da pessoa, ela estava lá.

Miriam foi muito inspiradora, e as inspirações que seus orientandos, lugar de onde falo, podem citar são muitas, dentre as quais a verdade e a coerência. Com ela, aos poucos, vamos nos encontrando e nos organizando diante da Linguística Gerativa da forma mais sincera possível. Sabendo dos desafios e limites e optando pelas aventuras. Miriam surfava e “pegava jacaré” nas praias da zona sul do Rio de Janeiro, jogou tênis, vôlei e ninguém ganhava dela no tênis de mesa. Miriam andava de moto até sofrer um acidente. Ela gostava de desafios, não foi uma mulher convencional de quem nasceu na década de 1930. Forte, decidida e decisiva. Foi assim em seus pouco mais de 82 anos por aqui com a gente. Sua finitude terrestre terminou em 12 de fevereiro de 2020, depois de muita luta, após uma cirurgia para retirada de um tumor intestinal. Não soube sequer que ela havia retirado um tumor maligno no intestino. Não viu a COVID-19 chegar e nos deixar isolados e atônitos. Ela não teria gostado disso, de ficar longe da Linguística e da UFRJ por tanto tempo. Ela se foi em sua plenitude, assim como ela desejava. Não nos preparou muito bem para isso, no entanto. Ainda era uma senhora que ia do Leblon à Ilha do Fundão dirigindo, que subia três lances de escada sem perder o fôlego, sempre pensando no futuro e novos trabalhos. Nossos últimos contatos por e-mail eram nesse sentido. Só me pediu para segurar as pontas enquanto se recuperaria da cirurgia que ocorreu em 27 de janeiro de 2020. Sua presença forte custa a morrer. Nunca se vai. E seu legado, certamente, permanecerá

entre nós.



Figura 5: Miriam Lemle na luta pela Educação, em manifestação em 2019 no Rio de Janeiro  
Fonte própria

Miriam deixou um futuro promissor nas mãos de seus ex-orientandos pelo Brasil, sobretudo na UFRJ. O gerativismo foi uma das suas grandes questões de sua vida e deixou essa tarefa com seus sucessores. Ela dizia que estamos prontos para começarmos a levar a teoria para a Educação Básica e era nesse ponto em que estávamos – no projeto de extensão “Gramática Gerativa na Educação Básica”, projeto que dou continuidade com muito orgulho, que foi pensado por nós duas, e que ganhou algumas contribuições, para que ele tivesse continuidade. Dou também continuidade a nossos projetos acadêmicos e artigos científicos em andamento. Até seus últimos dias, interessava-se por e produzia em Linguística Gerativa. Tudo continua na sala 308 do terceiro andar do corredor H da Faculdade de Letras da UFRJ. Aos poucos, vou juntando seus papéis, vou tentando, com outras alianças, dar permanência aos seus pensamentos que eram divididos comigo. Não ouço mais seus passos fortes chegando perto da porta da nossa sala, mas permaneço

com ela a meu lado, ouvindo a sua voz. Ela acreditava que a prova de Deus era a Gramática e que no Cosmos vivemos para sempre. “Vai que...”.



Figura 6: Miriam comemorando seu aniversário na H-308 – FL/UFRJ  
Fonte Própria

## Referências

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1957.

LEMLE, M. *Análise Sintática: teoria geral e descrição do Português*. São Paulo:

Ática, 1984.

LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2007 (17ª edição).